

**MOSTRA SYLVIO BACK 8.0**  
**FILMES NOUTRA MARGEM**

**03 a 15 de outubro de 2017**

Cinemateca de Curitiba  
Fundação Cultural de Curitiba

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR  
Setor de Ciências Humanas  
Bacharelado em História, Memória e Imagem

Universidade Estadual do Paraná  
Faculdade de Artes do Paraná – Campus Curitiba II  
LabEducine - Laboratório de Cinema e Educação

Cinemateca do MAM  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

apresentam

# MOSTRA SYLVIO BACK 8.0

## FILMES NOUTRA MARGEM



# CORTA!

*Rosane Kaminski*

Meu primeiro contato com a obra de Sylvio Back data de 1999. Já desde o tempo em que cursava graduação em Artes Visuais pela UFPR, nos anos noventa, fui frequentadora assídua das salas de cinema da Fundação Cultural de Curitiba. Apreciava muito aqueles espaços que, antes da disseminação de filmes pela internet, me permitiam conhecer obras do cinema europeu e de diretores brasileiros que eu jamais veria exibidos no circuito comercial. Nesse universo de pérolas culturais, me deparei com o filme “Cruz e Sousa – O Poeta do Desterro” (Sylvio Back, 1999) exibido na Cinemateca de Curitiba.

Lembro que o filme me instigou por uma certa estranheza. Imagens muito belas e cuidadosas, diálogos elaborados com trechos dos poemas de autoria de Cruz e Sousa, carnes alvas e carnes negras nas areias das praias de Florianópolis, cartões postais, fotografias antigas... Saí com uma impressão de “não saber bem como julgar”.

No entanto, somente vários anos depois disso é que a obra de Back se transformaria, para mim, em objeto de estudo sistemático. Em 2003, novamente na Cinemateca de Curitiba, mergulhei no setor de pesquisa em busca de filmes produzidos no contexto da ditadura militar, como material para elaboração de um projeto de doutorado. Foi lá que eu li, pela primeira vez, sinopses dos filmes “Aleluia, Gretchen”, de 1976 e “A Guerra dos Pelados”, de 1971 (que caíam como uma luva dentro dos

Desde que Back iniciou na direção cinematográfica com o curta-metragem “As Moradas” (1962-64) dirigiu 38 filmes até agora (somando os curtas, médias e longas-metragens). Ao longo da minha pesquisa, fui observando que o eixo da sua trajetória se concentrava nas relações entre o cinema e a história do Brasil, a partir do qual realizou tanto os filmes ficcionais quanto os documentários. Considerando somente a sua produção de longas-metragens (12 filmes), hoje divido sua obra em fases ficcionais e documentais: (1) primeira fase ficcional, situada entre 1968 (“Lance Maior”) e 1976 (“Aleluia, Gretchen”), (2) primeira fase documental, que vai de 1980 (“Guerra do Brasil”) até 1995 (“Yndio do Brasil”), (3) segunda fase ficcional, de 1999 (“Cruz e Sousa – O Poeta do Desterro”) a 2004 (“Lost Zweig”) e, por fim, (4) segunda fase documental que inicia em 2010 com “O Contestado – Restos Mortais” e se estende até o seu mais recente trabalho, o documentário “O Universo Graciliano” (2013).

Enfim, no decorrer do meu doutorado (concluído em 2008 junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPR) defini o recorte de pesquisa a partir da estreia de Back no circuito cinematográfico nacional, quando do lançamento de seu primeiro longa-metragem de ficção, o “Lance Maior”, e incluí os filmes A Guerra dos Pelados e Aleluia, Gretchen, com o mote de observar, neles, as articulações entre ficção e história e o

É principalmente a partir da seleção de trechos e da montagem desses materiais que o cineasta elabora sua poética nessas obras, o que suscita reflexão sobre o fazer cinematográfico em si, bem como sobre os sentidos evocados por esses materiais. Cada um dos fragmentos incorporados nos filmes tinha um determinado propósito quando de sua produção, mas os filmes nos mostram que os sentidos originalmente atribuídos a eles podem ser modificados, conforme os usos e exibições que são feitos com tais materiais. Assim, presumi outras inquietações a partir dos filmes de Back: como o cinema participa da construção (e da desconstrução) de nossos valores, nossos juízos, nossa capacidade de compreensão do mundo? Que tipo de cinema queremos ver? E sobre a obra de Back: para que assistir a esse cinema que ou nos entedia, ou nos alfineta com provocações desagradáveis?

Após essas breves reflexões, acredito que o que pode ser firmado como traço geral da trajetória cinematográfica de Sylvio Back é a constante participação em questões políticas, estéticas e sociais por meio dos filmes, com uma postura crítica, questionadora e provocativa, colocando-se contundentemente contra filmes laudatórios. Hoje, 2017, num contexto de crise e desilusões políticas como o que vivemos, penso que vale a pena assistir aos filmes de Back e tentar pensar “com a própria cabeça”, ao invés de esperar respostas para os nossos problemas, muitos

meus interesses de estudo), mas também daquele que me pareceu saborosíssimo: o “Lance Maior” (1968). Um filme sobre jovens universitários na Curitiba dos anos sessenta?? Preciso muito ver isso! E lá fui eu atrás dos filmes.

Ainda no setor de pesquisa da Cinemateca encontrei pastas com recortes de jornais contendo notícias sobre o lançamento desses filmes mais remotos de Back e textos críticos sobre eles, os quais li com avidez. Tudo me parecia interessante. Após investigar mais sobre o autor, verificar que também realizara diversos documentários antes de se debruçar sobre o universo poético de Cruz e Sousa (que ainda era o meu ponto de referência backiano), eu decidi focalizar a minha pesquisa naqueles filmes de ficção feitos nos anos 1960 e 70 que, mais adiante, no decorrer dos estudos, eu consideraria constitutivos de uma poética da angústia.

O enfrentamento fílmico não foi fácil. Back faz filmes estranhos. Incômodos. Sérios demais. Partes monótonas. Não há como sair feliz depois de assistir a um dos filmes de Back. Além de narrativas lentas e ausência de humor, projetos dos personagens são geralmente fracassados.

Não há redenção. Nos documentários, para ele não existem verdades e nem heróis. Tudo pode ser desconstruído e desacreditado pelo discurso cínico de Back. Cineasta maldito! No entanto, àquelas alturas, eu precisava sistematizá-lo. E assim foi.

posicionamento do cineasta diante dos debates políticos e culturais do seu tempo de produção. Estes três filmes, ao mesmo tempo em que foram feitos no Brasil durante a ditadura militar, também demarcam aquela primeira fase ficcional que observei na carreira do diretor. Neles, identifiquei um determinado posicionamento estético-ideológico que defini como uma poética da angústia, pois corresponde a uma forma específica e autoral de reação fílmica diante das pressões de um contexto histórico determinado. As principais características que delineiam essa poética são: o teor pessimista imbricado à constituição narrativa que nega a teleologia do cinema clássico, o efeito de circularidade e o incômodo estético e moral, pela forma de abordar assuntos tabus (sem apresentar soluções) apontando visões diferentes das já estabelecidas sobre o assunto tratado em cada filme. Tal poética tomou forma ao longo da sua primeira fase ficcional, mas não se restringe a ela, pois esses aspectos permanecem substancialmente nos filmes subsequentes, consistindo, ao meu ver, em marca autoral.

A pesquisa documental, visual e bibliográfica feita por Sylvio Back sobre cada temática tratada em seus filmes esteve presente, também, desde os primeiros trabalhos. No entanto, foi na sua primeira fase documental (a partir de 1980) que ele passou a inserir no corpo dos próprios filmes os materiais de arquivo levantados por meio das minuciosas pesquisas em acervos audiovisuais.

dos quais cristalizados em valores que negamos revisitar. Tais filmes não apontam soluções, mas levantam questões.

Ah, esqueci de contar: há mais de uma década, um simpático funcionário da Cinemateca de Curitiba me forneceu o número de telefone do Sylvio Back, para que eu pudesse contatá-lo e tentar uma entrevista. Desde então, foram várias conversas, trocas de e-mails e arquivos, vários capuccinos. Nesse meio tempo, ficamos amigos. Tenho grande carinho pelo Sylvio – assim como pela sua obra – e posso afirmar que, apesar da impressão de pessoa “difícil”, ele é extremamente generoso e entusiasmado. Seus filmes podem ser pessimistas e até desagradáveis, mas ele é ativo, produtivo, vivaz, mordaz, e aos 80 anos continua cheio de atividades e projetos em andamento!

No fim das contas, penso que uma vida é pouco para Sylvio Back.

*Rosane Kaminski é Professora Adjunta da UFPR. Pós-doutora em Meios e Processos Audiovisuais pela USP (2017) e Doutora em História pela UFPR (2008). Autora da tese “Poética da angústia: história e ficção no cinema de Sylvio Back, 1960-70”. Em 2018 publicará “A formação de um cineasta: Sylvio Back na cena cultural de Curitiba nos anos 1960”, pela Editora UFPR.*

# Gozo estético

Até recentemente quando a expectativa de vida do brasileiro girava entre 70 e 75 anos, chegar ou ultrapassar oitenta era excepcional, algo excêntrico e até desnaturado (ué, o cara continua vivo?).

Feliz, ou infelizmente para quem considera a velhice como mero, porque incontornável, azimute biológico, melhor seria capotar jovem (pura retórica, hein?), isso mudou para o bem e para o mal.

Já é truísmo ouvir macróbios pavoneando que não se reconhecem física e psicologicamente à soleira da “quarta idade” (mas o corpinho é de cinquenta!). Oitenta anos seria como rebobinar impunemente o tempo tal qual, ignorando carne, ossos e memória caídos e encardidos, um como que passar a régua num improvável caminho de volta à juventude.

Seria, talvez, esquecer que existe futuro, o que faz sentido, o futuro te ignora, lembre-se disso. Com um só detalhe a salvar-se do previsível naufrágio: suas criaturas! Não importa o jaez delas, se você é o chamado homem comum (existe essa figura?), se é o poderoso da vez ou o desgraçado da hora, ou se você é criador, lato senso, amalgamando tudo, todos e nenhum.

Alguém que encare os “produtos do espírito”, sim, como primevo avatar tanto crítico quanto solidário sobre o mundo e os homens, fabro que lhe é exclusivo e de mais ninguém! Enfim, senhor de uma prevalência original tão inata e própria quanto o sangue ecoando nas veias.

# Um cinema moral

*Solange Straube Stecz*

Com temáticas ficcionais que procuram desvendar o outro lado da história oficial do Brasil, passando pela colagem/bricolagem de soberbas imagens de arquivo (nacionais e estrangeiras), ao confronto memorial e contemporâneo da saga de homens e feitos que parecem nunca ter existido, a obra de Sylvio Back promove uma releitura crítica única e original da realidade e do passado remoto e recente do país.

Conhecida como “Cinemateca Sylvio Back” (título com que a maioria de seus 38 títulos está disponível em DVD nos Vol. I e Vol. II da distribuidora DVDVersátil, de São Paulo), essa premiada filmografia (76 láureas nacionais e internacionais), avalizada por uma inestimável fortuna crítica, vem obtendo intensa e extensa repercussão e visibilidade tanto em cinemas, como em TVs comerciais e públicas, além de uma contínua fruição através do DVD.

Numa abordagem equidistante das paixões de seu tempo (“faço um cinema que desconfia”), os doze longas, vinte seis curtas e médias-metragens de Back, caracterizam-se pela assinatura autoral de cada um dos seus fotogramas, fruto de um estilo de cinema comprometido antes de tudo com o imaginário do espectador.

Face ao seu tônus desideologizado (“meus filmes não procuram fundar verdade alguma, nem estão a serviço de ideias servis”), através de polêmicos antidocumentários ou por uma ficção desalinhada à

Nesse embalo de garimpo existencial é que topei dar passagem a esta breve retrospectiva fílmica para cravar meus oitenta anos. Mas sob a rígida condição de que não fosse território para uma feira de mimos encomendados nem indisfarçável egolatria. Simples assim. Que os filmes falem por mim, afinal, eles sempre foram melhores do que eu! Que o digam as dezenas de inestimáveis colaboradores com quem, prazerosamente, compartilho uma obra que, se subsiste, é graças ao estro e à expertise deles.

Guardo ralas e rasas glórias do passado a festejar. Pelo contrário. Em quantas meu cinema foi omitido, esquecido, desqualificado, ridicularizado, vítima de incompreensões, ou surdamente, patrulhado à direita e à esquerda, só porque caminho com os próprios pés e não alimento espírito de horda.

Inevitável: são seis décadas circunavegando pela cultura brasileira a bordo de uma obra aberta, que não procura apascentar almas ou fundar verdades unívocas, nem jamais levar o espectador pelas mãos. Adoro deixá-lo na maior orfandade, apenas com suas idiosincrasias, literalmente, consigo próprio. Ele cá e os filmes piscando incólumes nas telinhas e telonas pelos anos afora.

Sabemos como é forte o simbolismo da efeméride dos oitenta, do qual não quis nem quero me eludir! Uma idade que, mocinhos, jamais pensamos chegar lá, daí essa ânsia que nos acolhe e recolhe, como criadores, pela refundação memorial da coisa feita, da coisa por fazer, do legado fechado e a ser concluído, antes que sejamos atropelados pelo esquecimento!

Se nessas palavras contiver algum laivo de petulância, releve caro leitor, é a inescapável armadilha holística da consciência, da qual ninguém escapa, mas cujo fluxo e gozo estéticos são a razão do viver e sobreviver! *Sylvio Back*

narrativa de consumo televisivo, esta prestigiosa filmografia revela o olhar humanista e poético de um autor rigorosamente independente. Enfim, um cinema que não flerta com o público, nem com a mídia ou a crítica.

Back acaba de completar meio século de ininterrupta atividade como diretor, roteirista e escritor, inaugurada quando pela primeira vez em 1962 botou o olho no visor de uma câmara 16mm em Curitiba, dando início às filmagens de “As Moradas” (concluído em 1964), seu curta-metragem inaugural.

São cinco décadas de empenho biográfico-existencial e profissional (acumulando também a condição de produtor e/ou coprodutor), para criar uma obra que tem se notabilizado pelo desmonte de mitos, tabus e utopias que “frequentam e são constantemente restaurados” (Back) a historiografia do Brasil e da América Latina.

Portanto, trata-se aqui de celebrar a ousadia e a iconoclastia artístico-cultural de um autor cujo estilo e linguagem dos filmes, acoplados à sua inquietude moral, não guardam equivalência no cinema brasileiro. –

*Solange Straube Stecz, jornalista, pesquisadora e professora de cinema da Universidade Estadual do Paraná; é autora do verbete sobre Sylvio Back na Enciclopédia do Cinema Brasileiro.*

*movie-junkie*

sou um reles  
traficante de  
fotogramas

antes fazendo fita  
do que viver sem  
Viveca Lindfors

*movies* não  
há mais *timing*  
livre-se deles

do cowboy que fui  
restam furtivas  
infância e infâmia

a bala na lua  
Méliès de olho  
a dor irisada

queimei o filme  
queimei o poema  
queimei se amei

*Sylvio Back*

# filmes em cartaz\*

CINEMATECA DE CURITIBA | 03 a 08 de OUTUBRO 2017  
CINE GUARANI | 10 a 15 de OUTUBRO 2017

Quinta - feira 05/10	
17h	República Guarani
19h	Guerra do Brasil

Sexta - feira 06/10	
17h	Rádio Auriverde
19h	Yndio do Brasil

Terça - feira 10/10	
17h	Lance Maior
19h	A Guerra dos Pelados

Quarta - feira 11/10	
17h	Aleluia, Gretchen
19h30	Revolução de 30

Sábado 14/10	
17h	Cruz e Sousa, o poeta do desterro
19h	Lost Zweig

Domingo 15/10	
17h	O Contestado - Restos Mortais
20h	O Universo Graciliano

Terça-feira 03/10	
17h	Lance Maior
18h30	Abertura Oficial**
19h	A Guerra dos Pelados

Quarta - feira 04/10	
17h	Aleluia, Gretchen
19h	Mesa-redonda***
19h30	Revolução de 30

Sábado 07/10	
17h	Cruz e Sousa, o poeta do desterro
19h	Lost Zweig

Domingo 08/10	
17h	O Contestado - Restos Mortais
20h	O Universo Graciliano

Quinta - feira 12/10	
17h	República Guarani
19h	Guerra do Brasil

Sexta - feira 13/10	
17h	Rádio Auriverde
19h	Yndio do Brasil

\*\***Abertura Oficial** com Rosane Kaminski e Valéria Teixeira.

Local: Cinemateca de Curitiba.

Rua Presidente Carlos Cavalcanti, 1174 - São Francisco, Curitiba - PR

\*\*\* **Mesa-redonda** com Sylvio Back, Rosane Kaminski e Fernando Severo.

Local: Anfiteatro 600, 6º andar, Reitoria da UFPR, Edifício D. Pedro I, Rua General Carneiro, nº 460, Centro. Curitiba, PR.

**\*Entrada franca em todas as sessões**

# Lance Maior (1968)



Foto: Hélio Silva

**Dia 03/10 – 17h - Terça-feira (Cinemateca)**

**Dia 10/10 – 17h - Terça-feira (Cine Guarani)**

**Lance Maior** (1968, 35 mm., PB, 100 min.), roteiro com Oscar Milton Volpini; diálogos de Nelson Padrella; produção e direção.

**Sinopse:**

Mário, estudante universitário e bancário, através de uma ligação amorosa com Cristina, jovem rica, orgulhosa e emancipada, tenta ascender socialmente. Entre os dois coloca-se a sensual comerciária Neusa, inexperiente e revoltada com a condição humilde de sua família. Cada um buscando um lugar ao sol, enredam-se num diabólico jogo de sexo e amor.

**Elenco:**

Regina Duarte, Reginaldo Faria, Irene Stefânia, Isabel Ribeiro, Lota Moncada, Lúcio Weber, Sérgio Bianchi e Ileana Kwasinski.

**Equipe:**

Fotografia Hélio Silva; música Carlos Castilho; montagem e edição Maria Guadalupe; dir. produção Ivan Souza; cartaz Manoel Coelho.

**Coprodução:**

Apolo Cinematográfica (PR) e Servicine (SP).

**Prêmios:**

“Melhor Atriz” (Irene Stefânia) e “Melhor Cartaz” no 4º. Festival de Brasília.

**Crítica:**

... "Lance Maior" consegue captar e exprimir aspectos da nossa condição social, através de imagens de melancolia, visualidade e comovente realismo.

– Valério Andrade ("Jornal do Brasil", 1968).

(“Lance Maior”) seguramente a mais legítima, consciente e sincera fita engajada toda a conturbada trajetória do moderno cinema nacional.

– Ruben Biáfora (“O Estado de S.Paulo”, 1969).

Você conseguiu fazer a melhor análise da classe média já apresentada no cinema nacional.

– Paulo Emílio Salles Gomes (Brasília, 1969).

# A Guerra dos Pelados (1971)



Foto: Jairo Ferreira

**Dia 03/10 – 19h - Terça-feira (Cinemateca)**

**Dia 10/10 – 19h - Terça-feira (Cine Guarani)**

**A Guerra dos Pelados** (1971, 35 mm., cor, 93 min.), adaptação do romance “Geração do Deserto”, de Guido Wilmar Sassi; roteiro com Oscar Milton Volpini; produção e direção.

**Sinopse:**

Outono de 1913, interior de Santa Catarina. A concessão de terras a uma companhia da estrada de ferro estrangeira para explorar suas riquezas através de uma serraria subsidiária, e a ameaça de redutos messiânicos de posseiros expropriados, geram um sangrento conflito na região. Por exigência dos “coronéis”, forças militares regionais e o Exército nacional intervêm. Mas, os “pelados” (assim chamados por rasparem a cabeça) se revoltam, protagonizando uma resistência à semelhança de Canudos.

Elenco: Átila Iório, Jofre Soares, Stênio Garcia, Dorothee-Marie Bouvier, Emanuel Cavalcanti, Mauricio Távora, Otávio Augusto, Zózimo Bulbul, Lala Schneider, Jorge Karam e Edson D'Ávila.

**Equipe:**

Fotografia Oswaldo de Oliveira; figurinos e cenografia Isabel Pancada; música Sérgio Ricardo e Theo de Barros; montagem e edição Maria Guadalupe; prod. executiva Enzo Barone; cartaz Manoel Coelho.

**Coprodução:**

Servicine (SP).

**Prêmios:**

“Prêmio de Qualidade”, do Instituto Nacional do Cinema-INC/71; “Melhor filme brasileiro exibido em São Paulo/71 (“Folha de S.Paulo”); Prêmio “Governador de São Paulo”/71; três prêmios para o elenco no I Festival de Cinema de Guarujá-SP/71; Menção especial na II Semana Internacional do Filme de Autor em Málaga (Espanha); selecionado para o Festival de Berlim (Al. Ocidental)/71.

**Crítica:**

Não resta a menor dúvida de que "A Guerra dos Pelados" é um filme elaborado com cuidados excepcionais de produção e de inventividade fílmica.  
– José Tavares de Barros (João Pessoa-PB, 1977).

Mesmo sem forçar comparações bombásticas, pode-se reconhecer em “A Guerra dos Pelados” um equivalente sulino do glauberiano “Deus e o Diabo na Terra do Sol”. Recriando livremente episódios da Guerra do Contestado (Santa Catarina, anos 1910), o filme engendra um cruzamento semelhante de motivações políticas e impulsos irracionais, apontando para uma antropologia da luta popular.

– Carlos Alberto de Mattos em “Sylvio Back – Filmes Noutra Margem”, PR, 1992).

Uma das raras e bem-sucedidas tentativas brasileiras no cinema épico.

– “Vídeo 93”, São Paulo, 1993.

# Aleluia, Gretchen (1976)



Foto: Sérgio Sade

Dia 04/10 – 17h - Quarta-feira (Cinemateca)

Dia 11/10 – 17h - Quarta-feira (Cine Guarani)

**Aleluia, Gretchen** (1976, 35 mm., cor, 115 min.), argumento, roteiro com Manoel Carlos Karam e Oscar Milton Volpini; produção e direção.

**Sinopse:**

Saga de uma família de imigrantes alemães que, fugindo ao nazismo, vem se radicar numa cidade do Sul do Brasil, por volta de 1937. Às vésperas e durante a II Grande Guerra, membros da família se envolvem com a Quinta Coluna e o Integralismo. Na década de 50, graças a ligações perigosas com o rescaldo da guerra, os Kranz são visitados por ex-oficiais da SS em trânsito para o Cone Sul. A trama se estende aos dias de hoje.

**Elenco:**

Carlos Vereza, Miriam Pires, Lilian Lemmert, Sérgio Hingst, Selma Egrei, Kate Hansen, José Maria Santos, Narciso Assumpção e Lala Schneider.

**Coprodução:**

Embrafilme.

**Equipe:**

Fotografia José Medeiros; música “O Terço”; montagem e edição Inacio Araújo; dir. produção Plinio Garcia Sanchez; cartaz Gilberto Marchi.

**Prêmios:**

Em dois anos, 15 premiações nacionais (“Air France”, “Golfinho de Ouro”, “Governador de São Paulo”, “Coruja de Ouro”, Associação dos Críticos de Arte-APCA/SP); selecionado para os festivais de Brasília, Gramado, Chicago (EUA), Mannheim e Berlim (Alemanha).

**Crítica:**

Um dos maiores filmes brasileiros de todos os tempos.

– Salvyano Cavalcanti de Paiva (“História Ilustrada dos Filmes Brasileiros”, 1989).

(“Aleluia, Gretchen”), provavelmente um dos dez melhores filmes brasileiros em qualquer classificação.

– Deonísio da Silva, escritor (“Jornal do Brasil”, 2005).

Um filme elaborado e muito bem-feito. Não admira que já tenha ganho tantos prêmios, na época. Nem que ostente a fama – merecida – de clássico.

– Luiz Carlos Merten (“O Estado de S.Paulo”, 2010).

# Revolução de 30 (1980)



Foto: Fundação Getúlio Vargas

**Dia 04/10 – 19h30 - Quarta-feira (Cinemateca)**

**Dia 11/10 – 19h30 - Quarta-feira (Cine Guarani)**

**Revolução de 30** (1980, 35 mm., PB, 120 min.), pesquisa, roteiro, produção e direção.

**Sinopse:**

Filme-colagem de uma trintena de documentários e filmes de ficção dos anos 1920, culminando com cenas inéditas da Revolução de 1930. Todo em preto-e-branco, o principal tônus é a excelência restauração fotográfica de suas imagens, emoldurada por uma trilha sonora autêntica, de rara beleza e qualidade de emissão. Duas horas de estupefação, gargalhadas, esgares inesperados, achados anedóticos e ironias sorrateiras.

**Equipe:**

Consultores de imagem: Carlos Roberto de Souza, Cosme Alves Netto, José Carvalho Motta, Jurandir Noronha, Valêncio Xavier, Antonio Jesus Pfeil, Michel do Espírito Santo, Oldemar Blasi e Anita Murakami; som Miguel Sagatio; pesquisa musical Jairo Severiano; montagem e edição Laércio Silva; cartaz Fernando Pimenta.

**Apoio:**

Cinemateca Brasileira, Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Cinemateca do Museu Guido Viaro (PR), Arquivo “Edgard Leuenroth” – Unicamp (SP), Fundação José Augusto (RN) e Fundação Getúlio Vargas (RJ)

**Crítica:**

Inventivo, habilidoso e sério, é um filme que deve ser visto obrigatoriamente.  
– José Carlos Monteiro (“O Globo”, 1980).

Sylvio Back não é de entrar na história pela porta dos fundos. Ao abordar um tema, tem sempre, pelo menos, a virtude da polêmica. (...) “Revolução de 30” é um espetáculo instigante sobre esse fato, talvez o mais complexo da história republicana no Brasil.

– Inácio Araújo (“Folha de São Paulo”, 2001).

(“Revolução de 30”) Uma composição cinematográfica entre imagens de arquivo da história moderna, com toda a musicalidade da época, em uma edição primorosa e criativa, marcada pelo contraponto da ficção, entre a narração do pensamento de historiadores da esquerda brasileira, e sua visão poética, de artista sensível, com a história do cinema e de toda nossa memória. Que imagens extraordinárias!

– José Sette, cineasta, 2005.

# República Guarani (1982)



Foto: Paulo Vasconcellos

Dia 05/10 – 17h - Quinta-feira (Cinemateca)

Dia 12/10 – 17h - Quinta-feira (Cine Guarani)

**República Guarani** (1982, 35 mm., cor, 100 min.), pesquisa e roteiro com Deonísio da Silva; produção e direção.

**Sinopse:**

Entre 1610 e 1767, ano da expulsão dos jesuítas das Américas, numa vasta área dominada por índios Guarani e parcialidades linguísticas afins, e drenada pelos rios Uruguai, Paraná e Paraguai, vingou um discutido projeto religioso, social, econômico, político e arquitetônico, sem equivalência na história das relações conquistador-índio. Trezentos e cinquenta anos depois é possível identificar uma nostalgia daqueles tempos. Ante as similitudes com o passado, este filme é a retomada do debate.

**Equipe:**

Fotografia José Medeiros; dir. animação Marcello Tassara; montagem e edição Laércio Silva; dir. produção Plínio Garcia Sanchez; cartaz Marcos Bento.

**Coprodução:**

Embrafilme.

**Prêmios:**

“Melhor Roteiro” e “Melhor Trilha Sonora”, no XV Festival de Brasília/82; prêmio “São Saruê”/82 (Federação de Cineclubes do Rio de Janeiro); “Melhor Documentário”/84 (Associação de Críticos Cinematográficos/MG); “Menção Honrosa” no II Festival Latinoamericano de Cinema dos Povos Indígenas/87 (RJ).

**Crítica:**

... precisamente por levantar essa questão do "genocídio cultural" – implícita em qualquer tentativa, presente ou passada, de integrar o índio à chamada “civilização” – que “República Guarani” se torna o mais importante filme sobre índios até hoje realizado no Brasil.

– Pola Vartuck (“O Estado de S.Paulo”, 1982).

... o filme vale por colocar o espectador diante de uma fascinante discussão que termina por desmistificar a idéia paradisíaca das Missões. E o mais importante, é que o filme não adota uma atitude totalitária, como se o autor fosse o dono da verdade.

– Hélio Nascimento (“Jornal do Comércio”, RS, 1982).

Feito com a costumeira seriedade de Sylvio Back, é importante para o melhor conhecimento do singular e dramático episódio da história do Brasil.

– Luciano Ramos (Vídeo, 1993)..

# Guerra do Brasil (1987)



Foto: Sérgio Sade

**Dia 05/10 – 19h - Quinta-feira (Cinemateca)**

**Dia 12/10 – 19h - Quinta-feira (Cine Guarani)**

**Guerra do Brasil** (1987, 35 mm., cor, 83 min.), pesquisa, roteiro, texto, produção e direção.

**Sinopse:**

Entre 1864 e 1870, a América do Sul é palco do maior e mais sangrento conflito armado do século, conhecido como a “Guerra do Paraguai”, envolvendo Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, e que vitimou um milhão de pessoas. No filme entrelaçam-se a história oficial, o imaginário popular e a crítica de militares, cronistas e historiadores, articulado a um complexo painel iconográfico e musical, e a um resgate visual do teatro de operações no Paraguai.

**Elenco:**

Patrícia Abente (Paraguai).

**Equipe:**

otografia José Medeiros; som Miguel Sagatio/Juarez Dagoberto; cromatismos Solda; dir. animação Marcello Tassara; montagem e edição Laércio Silva; cartaz João Câmara/Dulce Lobo.

**Apoio:**

Embrafilme, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, Secretaria de Cultura do Paraná, Fundação de Cultura do Mato Grosso do Sul e Subsecretaria de Cultura do Rio Grande do Sul.

**Prêmios:**

“Prêmio Especial do Júri” no III Rio-Cine Festival/87 “Melhor Roteiro” no I Festival de Cinema de Natal (RN)/87; “Melhor Cartaz” (João Câmara e Dulce Lobo) no IX Festival Internacional del Nuevo Cine Latino Americano de Havana (Cuba)/87.

**Crítica:**

Ele, Back, é um artista obcecado pela perfeição e a persegue de filme para filme, sonha com um ato de estética puro e inovador, concreto como a verdade.

– Tabajara Ruas (“Diário do Sul”, Rio Grande do Sul, 1987).

A guerra secreta de um diretor. (...) O filme levanta o véu de incompreensões e mitos que cercam este tema tabu. “Guerra do Brasil” vai em busca da verdade dos fatos, ouvindo e fazendo prevalecer a versão tanto do vencedor como do vencido.

– Lena Bastos (“Diário catarinense”, Santa Catarina, 1987).

Sylvio Back está para o Brasil como Michael Moore para os Estados Unidos. Seus documentários expõem teses pessoais, desenvolvidas quase sempre como ensaios. Pode-se partilhar ou não das ideias, mas não da obstinação com que o cineasta as desenvolve. “Guerra do Brasil” traz o polemismo inscrito já no título.

– Inácio Araújo (“Folha de S.Paulo”, São Paulo, 2004).

# Rádio Auriverde (1991)



Foto: Casa da FEB

**Dia 06/10 – 17h - Sexta-feira (Cinemateca)**

**Dia 13/10 – 17h - Sexta-feira (Cine Guarani)**

**Rádio Auriverde** (1991, 35 mm., PB, 70 min.), pesquisa, roteiro, textos, produção e direção.

**Sinopse:**

Com imagens e sons inéditos de Carmen Miranda e do Brasil na II Guerra Mundial, o filme penetra no desconhecido universo da guerra psicológica que conturbou a presença da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália (1944-45). Através das musicalmente alegres e debochadas transmissões de uma rádio clandestina, tema-tabu entre os pracinhas, o filme acaba também revelando as tragicômicas relações entre os Estados Unidos e o Brasil durante o conflito – cujas consequências jamais se esgotaram.

**Equipe:**

Consultores de imagem: Francisco Sérgio Moreira, Bob Summers (EUA) e Cosme Alves Netto; pesquisa musical Jairo Severiano; montagem e edição Francisco Sérgio Moreira; prod. executiva Margit Richter; cartaz Fernando Pimenta.

**Apoio:**

Governo do Paraná (Secretarias de Cultura e Comunicação Social), Embrafilme, Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Cinemateca Brasileira (SP), Fundação do Cinema Brasileiro e Fundação Cultural de Curitiba (PR).

**Prêmio:**

“Pesquisa” no IV Festival de Cinema de Natal (RN)/91.

**Crítica:**

Mais que um filme sobre a FEB, “Rádio Auriverde” é um filme sobre a imagem do Brasil num episódio de alta exposição. Cruel, panfletário, incômodo corolário de um cinema que não nasceu para agradar ou cortejar.

– Carlos Alberto de Mattos (em “Sylvio Back – Filmes Noutra Margem”, PR, 1992).

Talvez o mais polêmico dos documentários do diretor, em que ele ousa discutir um assunto até então sagrado, a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial através da FEB.(...) Com certeza é muito raro se ver um documentário como este..

– Rubens Ewald Filho (portal UOL Cinema, s/d).

... a noção que talvez mova toda a cinematografia de Back, o desejo de quebrar a ingenuidade e festividade na visão de momentos históricos. Intento esse que lhe custou um dos mais sacudidos debates do recente cinema nacional, na empreitada de “Rádio Auriverde”, uma criticada visão da participação dos pracinhas na II Guerra.

– Orlando Margarido (“Gazeta Mercantil”, São Paulo, 2001).

# Yndio do Brasil (1995)



Foto: Museu do Índio

**Dia 06/10 – 19h - Sexta-feira (Cinemateca)**

**Dia 13/10 – 19h - Sexta-feira (Cine Guarani)**

**Yndio do Brasil** (1995, 35 mm., cor/PB, 70 min.), pesquisa, roteiro, poemas, produção e direção.

**Sinopse:**

Colagem de dezenas de filmes nacionais e estrangeiros - de ficção, cine-jornais e documentários - revelando como o cinema vê e ouve o índio brasileiro desde quando foi filmado pela primeira vez em 1912. São imagens surpreendentes, emolduradas por músicas temáticas e poemas, que transportam o espectador a um universo idílico e preconceituoso, religioso e militarizado, cruel e mágico do nosso índio.

**Dramatização de poemas:**

José Mayer.

**Equipe:**

Consultores de imagem: Mario Cereghino, Francisco Sérgio Moreira, Cosme Alves Netto, Carlos Roberto de Souza; montagem e edição Francisco Sérgio Moreira; prod. executiva Margit Richter; cartaz Fernando Pimenta.

**Apoio:**

Cinemateca Brasileira, Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu do Índio, Centro Técnico-Audiovisual/Funarte, Arquivo Nacional e Fundação Cultural de Curitiba (PR).

**Prêmios:**

“Melhor Documentário de Longa-Metragem” na XXII Jornada Internacional de Cinema da Bahia/95 e “Melhor Documentário em língua Portuguesa e Espanhola” no XXVI Festival de Figueira da Foz (Portugal/96). Selecionado para os festivais de Gramado, Havana, Uruguai, Santa Fé (USA), Innsbruck (Áustria), Rotterdam (Holanda), Oslo (Noruega), Mar del Plata (Argentina) e Forum do Festival de Berlim (Alemanha).

**Crítica:**

O mais bem-sucedido filme de Sylvio Back.

– Hugo Sukman (“Jornal do Brasil”, 1995)

Sylvio Back, talvez o cineasta que de forma mais consistente vem se ocupando de nosso passado, histórico ou artístico, em filmes como "Rádio Auriverde" e, especialmente, "Yndio do Brasil".

– João Luiz Vieira (saite Contracampo), RJ, 2001

Surge então um filme extremamente rico: signficante (visual) e significado (áudio/roteiro) bem distanciados, dando ao espectador o sentido mais variado. De quebra, na tela, visões inacreditáveis: desde filmes mais esclarecidos (“Como Era Gostoso o Meu Francês”) aos mais inacreditáveis (de ficções científicas a telejornais da ditadura). E o melhor: Sylvio Back se revelou um poeta de mão cheia: almas limpas/almas-penacho/almas-límpias/almas-apache/almas é nosso biz/nosso império nosso impropério/nosso círculo de giz/Ad majorem Dei gloriam/... – (“Contracampo”, RJ, 2005)

# **Cruz e Sousa - O Poeta do Desterro (1999)**



Foto: Lúcio Giovanella

**Dia 07/10 – 17h - Sábado (Cinemateca)**

**Dia 14/10 – 17h - Sábado (Cine Guarani)**

**Cruz e Sousa** - O Poeta do Desterro (1999, 35 mm., cor, 86 min.). Pesquisa, seleção de poemas, roteiro, produção e direção.

**Sinopse:**

Biografia do poeta brasileiro, filho de escravos, João da Cruz e Sousa (1861-1898), fundador do Simbolismo no Brasil e considerado o maior poeta negro da língua portuguesa. Através de 34 "estrofes visuais", o filme rastreia desde as arrebatadoras paixões do poeta em Florianópolis (SC) ao seu emparedamento social, racial e intelectual e trágico fim no Rio de Janeiro.

Elenco: Kadu Carneiro, Maria Ceíça, Léa Garcia, Danielle Ornelas, Jaqueline Valdívía, Guilherme Weber e Luigi Cutolo.

Equipe: Fotografia Antonio Luiz Mendes; som Silvio Da-Rin; música Silvia Beraldo; arte Rodrigo de Haro; figurinos Lou Hamad, montagem e edição Francisco Sérgio Moreira; prod. Cesar Cavalcanti; prod. executiva Margit Richter; cartaz Fernando Pimenta.

**Apoio:**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Prefeitura Municipal de Florianópolis (SC).

**Prêmios:**

“Glauber Rocha” (Melhor filme dos três continentes, Ásia, África e América Latina) e “Menção Honrosa” (pesquisa de linguagem) da crítica internacional no 29º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz (Portugal); selecionado para os festivais de Brasília, Recife, Montevideo e Cabo Verde (África).

**Crítica:**

É, realmente, seu melhor filme, um dos mais belos do cinema brasileiro recente.

– Luiz Carlos Merten (“O Estado de S.Paulo”, 2001).

Suas falas, simultaneamente teatrais, poéticas e cinematográficas, arrebatam os espectadores. Back usa o cinema como pretexto para demonstrar a habilidade em metaformosear-se em vários suportes distintos. É um cinema que agride pelo lirismo, dá porrada pela poesia.

– Alécio Cunha (“Hoje em Dia”, Belo Horizonte/MG, 2001).

Acho um filme admirável.– Alexei Bueno, poeta (“Jornal do Brasil”, 2001).

# *Lost Zweig* (2003)



Foto: Milla Jung

**Dia 07/10 – 19h - Sábado (Cinemateca)**

**Dia 14/10 – 19h - Sábado (Cine Guarani)**

**Lost Zweig** (2003, 35mm, cor, 114 min.) Argumento original e roteiro, baseado no livro, “Morte no Paraíso”, de Alberto Dines, com Nicholas O’Neill, produção e direção.

**Sinopse:**

Última semana de vida do escritor judeu austríaco Stefan Zweig, autor do livro "Brasil, País do Futuro" e de sua jovem mulher, Lotte que, num pacto cercado de mistério, se suicidam em Petrópolis (RJ) após o Carnaval de 1942, ao qual haviam assistido. Um gesto que ainda hoje, sessenta anos depois, desperta incógnitas e assombro pela sua premeditação e caráter emblemático.

**Elenco:**

Rüdiger Vogler, Ruth Rieser, Renato Borghi, Daniel Dantas, Juan Alba, Ana Carbatti, Odilon Wagner e outros.

**Equipe:**

Fotografia Antonio Luiz Mendes; som José Louzeiro; música Guilherme Vergueiro e Raul de Souza; montagem e edição Francisco Sérgio Moreira; prod. executiva Margit Richter; cartaz Fernando Pimenta.

**Apoio:**

Calla Productions (EUA); Estúdios Mega/Tibet Filme; Labo Cine do Brasil; Quanta; Riofilme; TV Cultura de São Paulo; produtor associado, Andrew Hood (Alemanha).

**Prêmios:**

“Melhor Atriz” (Ruth Rieser), “Melhor Roteiro” (Sylvio Back e Nicholas O’Neill) e “Melhor Direção de Arte” (Bárbara Quadros) no 36º Festival de Brasília/2003; “Melhor Fotografia” (Antonio Luiz Mendes) no 11º Festival de Cuiabá (MT)/2004; “Melhor Filme”, “Melhor Diretor” (Sylvio Back), “Melhor Fotografia” (Antonio Luiz Mendes) e “Melhor Trilha Sonora” (Raul de Souza e Guilherme Vergueiro) no 14º. Cine-Ceará (CE)/2004; “Melhor Diretor” (Sylvio Back) no 14º. Festival de Cinema e Vídeo de Natal (RN)/2004; selecionado para o XXII Festival Internacional de Cinema do Uruguai/2004; Festival do Rio 2004; e 28º. Mostra Internacional de São Paulo/2004; eleito entre os “50 melhores filmes da década” pelo jornal “O Globo” (2009).

**Crítica:**

Notável pela qualidade da encenação em seus vários aspectos – como fotografia, trilha musical, interpretação, cenários e figurinos – a recriação dirigida por Sylvio Back concentra-se nos últimos dias de Zweig.  
– Sérgio Rizzo (História Viva, 2004).

Back equilibra de modo notável o íntimo e o épico, a atenção ao personagem e a sua circunstância: o humanista desterrado e o fascismo cordial brasileiro, onde a festa e barbárie convivem de forma inextricável.

– José Geraldo Couto (“Folha de S.Paulo”, maio, 2005).

O resultado é um filme sóbrio, melancólico e politizado, que se distingue do gênero biopic porque lhe interessa menos a reconstituição histórica estrita e mais a percepção de um país e de uma época sob os olhos de um estrangeiro.

– Cássio Starling Carlos (“Folha de S.Paulo”, 2008).

# O Contestado – Restos Mortais (2010)



Foto: Claro Jansson

Dia 08/10 – 17h - Domingo (Cinemateca)

Dia 15/10 – 17h - Domingo (Cine Guarani)

**O Contestado – Restos Mortais** (2010, Digital, cor/PB, 118 min.). Pesquisa histórica, iconográfica, musical, produção e direção.

**Sinopse:**

Com o testemunho de trinta médiuns em transe, articulado ao memorial sobrevivente e à polêmica com especialistas, “O Contestado – Restos Mortais”, é o resgate mítico da chamada Guerra do Contestado (1912-1916). Envolvendo milhares de civis e militares, o sangrento episódio conflagrou Paraná e Santa Catarina por questões de fronteira e disputa de terras, mesclado à eclosão de um surto messiânico de grandes proporções.

**Equipe:**

Fotografia Antonio Luiz Mendes; dir. assistente Zeca Pires; som Juarez Dagoberto; montagem Sylvio Back/PH Souza; prod. executiva Margit Richter; cartaz Fernando Pimenta.

**Coprodução:**

Anjo Azul Filmes.

**Apoio:**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte de Santa Catarina, Fundação de Amparo à Pesquisa Universitária (FAPEU-UFSC) e Secretaria de Cultura e Arte (SECARTE-UFSC).

**Crítica:**

– Doravante, ninguém mais dirá que o Contestado era desconhecido porque não teve um Euclides da Cunha. Com os filmes “A Guerra dos Pelados” e “O Contestado – Restos Mortais”, a Guerra do Contestado agora já tem seu Euclides da Cunha: é Sylvio Back.  
– Godofredo de Oliveira Neto, escritor, autor do romance, “O Bruxo do Contestado” (2012).

(sobre a presença dos médiuns) ... se é mentira, se é fato, ou liberdade poética total do cinema, não importa. Importa que Sylvio Back realizou um longa-metragem com uma tensão digna de um thriller de Hollywood.

– Rodrigo Fonseca (“O Globo”, 2012).

O documentário “O Contestado – Restos Mortais”, de Sylvio Back, obra-prima do cinema brasileiro que estreia em São Paulo, mostra que a história não é distorcida apenas pelos vitoriosos, mas também pelos perdedores.

– José Neumann Pinto, escritor e poeta (Rádio PAN, São Paulo/2012).

# O Universo Graciliano (2013)



Foto: Acervo IEB-USP

**Dia 08/10 – 20h - Domingo (Cinemateca)**

**Dia 15/10 – 20h - Domingo (Cine Guarani)**

**O Universo Graciliano** (2013, Digital, cor/PB, 84 min.). Pesquisa, roteiro, produção e direção.

**Sinopse:**

Fruto de vasta pesquisa literária e de campo (ouvindo contemporâneos, resgatando locais e arquivos que pareciam perdidos, em Buíque (PE), Quebrangulo, Viçosa, Palmeira dos Índios e Maceió (Alagoas), e no Rio de Janeiro, onde morou até a morte, "O Universo Graciliano" procura dar visibilidade a rastros, sombras e escombros memoriais em torno de Graciliano Ramos (1892-1953). É o primeiro filme sobre a vida-obra-e-morte do genial escritor alagoano.

**Equipe:**

Fotografia Antonio Luiz Mendes; som Juarez Dagoberto; montagem Sylvio Back/PH Souza; música (piano) Joel Bello Soares; prod. executiva Margit Richter; cartaz Fernando Pimenta.

**Coprodução:**

Anjo Azul Filmes

**Apoio:**

Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas, Lei do Audiovisual – Agência Nacional do Cinema (ANCINE) PETROBRAS, BNDES e BNB.

**Crítica:**

Graciliânas para sempre: um é cortante pelo estilo seco e depurado de sua prosa. O outro, pela ironia e atilamento e pelos giros vigorosos (...). Sylvio Back partilha sua declaração de amor e destemor em "O Universo Graciliano".

– Mário Hélio (escritor e curador da Litercultura, Curitiba, PR, 2013).

Sylvio Back devassa angústia de Graciliano Ramos em "O Universo Graciliano".

– Luiz Carlos Merten (crítico de cinema, "O Estado de S.Paulo", 2014).

Se, ao contrário da ficção, o documentário brasileiro tinha uma dívida para com o velho Graça, "O Universo Graciliano" cuida de resgatá-la.

– Amir Labaki (crítico de cinema, "Valor", São Paulo, 2014). –

# Verbete Back (\*)

Sylvio Back é cineasta, poeta, roteirista, escritor e produtor. Filho de imigrantes, pai húngaro e mãe alemã, nascido em Blumenau (SC), 1937.

Nos anos 1940 a família se muda para Curitiba (PR) onde mora, com passagens pelas cidades litorâneas de Antonina e Paranaguá, até 1986, quando se transfere ao Rio de Janeiro. É no pós-guerra, assistindo a filmes do Neo-Realismo italiano e a seriados de Hollywood, e no início de 1950, aficionado pelas revistas “Filmelândia” e “Cinelândia”, que Back tem despertada a paixão pelo cinema, ainda que não esconda, leitor ávido, o desejo de ser escritor.

Entrementes, na capital paranaense faz seus estudos universitários (Ciências Econômicas) e ingressa no jornalismo. Aliás, em inúmeras entrevistas já se declarou “um jornalista que faz filmes”, e não por acaso, é o autor de todos os roteiros de sua filmografia.

Em fins dos anos 1950, com 21 anos, ao tempo em que trabalha na redação do “Diário do Paraná” (é um dos primeiros copydesk da imprensa paranaense), Back dirige o suplemento literário “letras e& artes” do jornal, ublicando ali seus primeiros ensaios sobre cinema e teatro, todos eivados de polêmica, o que se tornaria, mais tarde, uma espécie de assinatura de autor em quase toda a sua obra. Em 2010, com uma edição fac-similar a cores, contendo a integra das páginas editadas, é comemorado o cinquentenário de “letras e& artes”, um marco na cultura curitibana e paranaense daquela quadra.

Na década seguinte, simultaneamente à atividade de jornalista profissional, assina coluna de crítica cinematográfica em jornais de Curitiba, além de colaborar em suplementos literários do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Entre os anos de 1971 e 1975, depois de haver realizado os longas-metragens, “Lance Maior” e “A Guerra dos Pelados” (1971), Sylvio Back coordena em Curitiba os dois primeiros festivais nacionais de filmes Super 8 no Brasil, e dirige cerca de 150 “comerciais” para televisão e cinema, que levantam os principais troféus da publicidade paranaense.

Em 1973, Back assina o documentário, “A Gaiola de Ouro” (35 mm., cor, 50 min.), para a série “Globo-Shell”, precursor do “Globo Repórter”, sendo laureado no I Festival Nacional de Curta-Metragem da Aliança Francesa, do Rio de Janeiro. Quatro anos depois, entre 1977 e 1981, escreve e dirige três “Globo Repórter” (“Mulheres Guerreiras”, 1977; “1930, a Revolução que Mudou o Brasil”, 1980; e “Jânio – 20 Anos Depois”, 1981) e o “Globo Rural” intitulado “A Extinção da Araucária”, também nesse ano, escolhido para comemorar o programa de número cem da TV Globo.

Desde “As Moradas”, Back roteirizou, dirigiu e produziu (e coproduziu) trinta e oito filmes – entre curtas, médias e doze longas-metragens, os mais recentes, o docudrama, “O Contestado – Restos Mortais” (Digital, cor/PB, 118 min., 2010) e “O Universo Graciliano” (Digital, cor/PB, 84 min., 2013). Aquele, uma segunda incursão do cineasta, após “A Guerra dos Pelados”, à Guerra do Contestado (1912-1916), violento conflito pela posse/usurpação de terra e disputa lindeira entre Paraná e Santa Catarina, culminando com a irrupção de um movimento messiânico nunca antes visto no sul do país. “O Universo Graciliano” é o primeiro filme sobre a vida-obra-e-morte do escritor Graciliano Ramos (1892-1953).

Back tem editados vinte e quatro livros – entre poesia, ensaios e os argumentos/roteiros dos filmes, “Lance Maior”, “A Guerra dos Pelados”, “Aleluia, Gretchen”, “República Guarani”, “Sete Quedas”, “Vida e

Agitador cultural, em 1962 funda e preside o Clube de Cinema do Paraná, elegendo o cinema brasileiro como o centro das exposições e dos debates. Autodidata (ou, nas suas palavras: “Aprendi cinema vendo e “lendo” filmes”), sem nunca ter sido assistente de outro cineasta, Back opta por trocar a contemplação pela realização. Iniciado dois anos antes, conclui em 1964 o seu primeiro curta-metragem, “As Moradas” (16 mm., PB, 09 min.), cujo mote é de como pobres moram pior do que ricos mortos, contrapondo mausoléus e favelas em Curitiba.

Antes disso, tem breve experiência como diretor de TV e cinegrafista da área do jornalismo na então TV Paraná, dos “Diários Associados”, que, cumulada à direção de seis curtas-metragens, todos em película 16/35 mm. (a saber: “Os imigrantes”, “Curitiba, Amanhã”, “A grande feira”, “Vamos nos vacinar”, “Schweik na Segunda Guerra Mundial” e “O Livro de Cristóvão Colombo” – esses dois inseridos em peças de teatro homônimas), conduzem Sylvio Back à realização do primeiro longa-metragem, “Lance Maior” (35 mm. PB, 100 min., 1968).

Ainda em 1967, sob os auspícios do Cinema de Arte Riviera, de Curitiba (PR), é publicado “Um Cinema Polêmico” (esgotado), ensaio sobre o cinema tcheco, nele antecipando a Primavera de Praga na cinematografia daquele país. No ano seguinte, aparece o ensaio, “Cinema Paranaense?”, com a provocativa interrogação no título, primeiro esboço de uma história do cinema no Paraná, reinaugurado, depois de “Pátria Redimida” (1930), de João Baptista Groff, com “Lance Maior”, que tem distribuição nacional e é auspiciosamente recepcionado pela crítica do eixo Rio-São Paulo.

Nas pesquisas do livro Back conhece Groff e, vasculhando o acervo dele à procura de “Pátria Redimida”, já então um mito do cinema paranaense, encontra fragmentos do documentário. “Diária e parcimoniosamente” – relata, “promovi uma espécie de “apropriação débita” do que fui descobrindo, ainda que Groff desconfiasse do meu leva-e-traz de latas que eu assistia numa moviola fora de lá. Após a sua morte em 1970, houve um incêndio no galpão que continha dezenas de filmes, meio século da memória do Paraná em chamás, enquanto sob a pia do meu banheiro estavam empilhadas sequências inteiras de “Pátria Redimida”. A primeira cinemateca do Paraná nasceu na minha casa”.

Sangue de Polaco”, “O Auto-Retrato de Bakun”, “Guerra do Brasil”, “Rádio Auriverde”, “Yndio do Brasil”, “Zweig: A Morte em Cena”, “Cruz e Sousa - O Poeta do Desterro” (tetralíngue), e “Lost Zweig” (bilíngue). As publicações de “Lance Maior” (1975) e de “Aleluia, Gretchen” (1977), à época, únicas na estante de roteiros do cinema nacional (reeditados pela Imago Editora, respectivamente, em 2008 e 2006), ambas pela Cinemateca de Curitiba por iniciativa do escritor e cineasta, Valêncio Xavier (1933-2008), então seu diretor, também autor dos textos introdutórios. Back é o cineasta brasileiro com mais roteiros publicados em livro (sete), pelos selos da Paz e Terra e da Annablume, de São Paulo, Imago e 7Letras, do Rio de Janeiro; além de seis plaquetas editadas em Curitiba (PR).

Na seara do conto, vários deles publicados no suplemento “letras e/ artes”, além da coletânea “7 de Amor e Violência” (1965, edição dos Autores; e reeditado pela Edições Criar, 1986, PR), a primeira obra no Brasil a ficcionar o Golpe de 64, e apreendida pelo DOPS dias depois de vir a lume. Em 2010, Back lança o livro de contos “Guerra do Brasil” (Topbooks, Rio de Janeiro). As narrativas, que tematizam a Guerra do Paraguai, são uma espécie de condensação poética de suas pesquisas e vivência no Cone Sul para a feitura em 1987 do doc com o mesmo título.

Ensaio: “Um cinema polêmico” (edição Cinema Riviera, Curitiba (PR), 1967). “Cinema paranaense?” (obra coletiva; edição dos autores, Curitiba (PR), 1968), “Por um cinema desideologizado” (Fundação Cultural de Curitiba (PR), 1987), “No cinema inoculado” (Umuarama, Curitiba (PR), 1988/1990), “Pensar es insalubre” (Imago, Rio de Janeiro (RJ), 1989), “Sylvio Back – Filmes noutra margem” (Secretaria de Cultura do Paraná, 1992), “Guerra do Brasil” por Sylvio Back” (Cadernos Cineamericanidad/Fundação Cultural de Curitiba (PR), 1992), “It's All Brasil” (Fundação Memorial da América Latina, São Paulo (SP), 1995/2004), e “Docontaminado” (Secretaria de Cultura do Paraná, 2001).

Já homem maduro (aos 48 anos), Back estreia na poesia em “O Caderno Erótico de Sylvio Back” (Tipografia do Fundo de Ouro Preto, MG, 1986). Dois anos depois, aparece “Moedas de Luz” (Max Limonad, SP), seguidos por “A Vinha do Desejo” (Geração Editorial, SP, 1994); “Yndio

do Brasil” (Poemas de Filme) (Nonada, MG, 1995), “boudoir” (7Letras, RJ, 1999), “Eurus” (7Letras, RJ, 2004), “Traduzir é poetar às avessas” (Langston Hughes traduzido) (Memorial da América Latina, SP, 2005), “Eurus” bilíngue (português-inglês) (Ibis Libris, RJ, 2006); “kinopoems” (@-book) (Cronópios Pocket Books, SP, 2006), “As mulheres gozam pelo ouvido” (Demônio Negro, SP, 2007), “H2Horas” – antologia e DVD, org. Pipol (Dulcinéia Catadora, SP, 2010), “Quermesse” – obra erótica reunida (Topbooks, RJ, 2013), “Kinopoems” (Editora Universidade Federal de Santa Catarina, 2014), e “Antologia da Poesia Erótica Brasileira” (Ateliê, São Paulo, 2015).

Afirmando que “todo poema é uma obra completa, pois na sua invenção implode-se tanto o passado quanto o futuro. Só a palavra é presente, a dádiva sobrevivente!”, o poemário de Back, em especial, na vertente erótica, coleciona uma soberba fortuna crítica na imprensa nacional (Paulo Leminski, Décio Pignatari, Felipe Fortuna, Marcelino Freire, Xico Sá, Affonso Romano de Sant’Anna, Adriano Espínola, Luci Collin, Péricles Prade, Antonio Carlos Secchin, Manoel de Barros, Carlos Nejar, Roberto Muggiati. Luiz Antonio de Assis Brasil).

Sylvio Back define sua obra cinematográfica como “filmes noutra margem”, explicitando, “... trata-se do que chamo de um “cinema desideologizado”, onde não procuro fundar nenhuma verdade, crítico e iconoclasta face às instituições, e livre de quaisquer palavras de ordem política e das estéticas de plantão”. Muitas vezes patrulhado, omitido e desqualificado, mas que jamais flerta com o público nem com a crítica”, Back abomina tanto o “cinema clientelista” (na definição do cineasta e historiador francês, Marc Ferro), entre nós conhecido como “chapa branca”, quanto o filme hagiográfico, que transforma personalidades da nossa história, política e cotidiano em santos, sem contraditórios ou vezo revisionista. “Gosto de resgatar a dignidade perdida do homem, sua complexidade e grandeza sempre surrupiadas pelo poder, seja privado e/ou da academia, seja pelo Estado, ou quando se esquecem de sua obra, de seu risco artístico e espiritual”. E arremata: “Faço um

São 76 láureas nacionais e internacionais conquistadas até o momento pela sua vasta obra, a ponto de Sylvio Back ter sido brindado pelo jornal “Libération” (Paris, 1987) com o epíteto de “o cineasta mais premiado do Brasil”. Ainda assim, costuma asseverar que “meus filmes são melhores do que eu”.

Em 2011, recebe a insígnia de Oficial da Ordem do Rio Branco, concedida pelo Ministério das Relações Exteriores pelo conjunto de sua obra cinematográfica e de roteirista.

Em 2012, Back é eleito para o PEN Clube, tornando-se o primeiro cineasta brasileiro, também poeta e escritor, a integrar o prestigioso organismo internacional.

Por indicação do Governo de Alagoas, em 2013 recebe a comenda de Cavaleiro da Ordem do Mérito Palmares, como reconhecimento pelos “relevantes serviços prestados à sociedade brasileira no campo cultural”.

2015: Eleito presidente da DBCA – Diretores Brasileiros de Cinema e do Audiovisual, sociedade de gestão coletiva pela defesa dos direitos autorais do diretor.

Desde 1980, Back tem praticamente toda a sua obra de curtas, médias e longas-metragens, primeiro lançada em vídeo (CIC-Vídeo, São Paulo, 1988), “Zweig: A Morte em Cena” (Coleção “Brasilianas”, FUNARTE, Rio de Janeiro, 1995); Frontlog-TV Cultura de São Paulo (2000); e atualmente em DVD, as coleções I e II, cada pack contendo seis longas-metragens sob o título “Cinematoteca Sylvio Back”, pela distribuidora DVDVersátil, de São Paulo.

(\*) *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*  
(org. Fernão Pessoa Ramos e Luiz Felipe Miranda)  
3ª Edição, Senac, São Paulo, 2012.  
(verbete ampliado e atualizado em 2017)

cinema moral, que sempre desconfia; minha postura é ética, nem política nem ideológica. Sou um cineasta libertário”.

Sem jamais ter premeditado projeto nesse sentido, os filmes de Sylvio Back acabaram por mapear os principais acontecimentos históricos, políticos, ecológicos e sociais do Cone Sul, como as missões jesuíticas do Paraguai (em “República Guarani”); a Guerra do Contestado (em duas películas, “A Guerra dos Pelados” e “O Contestado – Restos Mortais”); o Golpe de 1930 (no doc “Revolução de 30”); Guerra do Paraguai (em “Guerra do Brasil”); o Brasil na II Guerra Mundial (“Rádio Auriverde” e “Aleluia, Gretchen”, seu filme mais polêmico); a questão indígena (em “Yndio do Brasil”); as imigrações capitais do extremo-sul, a alemã em “Aleluia, Gretchen” e a polonesa, em “Vida e Sangue de Polaco”, “Os Imigrantes” e “Crônica Sulina”; as transformações urbanísticas da capital paranaense (em “Curitiba, Amanhã” (1966), “Curitiba, uma Experiência em Planejamento Urbano (1974) e “A Escala do Homem” (1982); e as biopics, os longas-metragens, “Cruz e Sousa – Poeta do Desterro”; e “Lost Zweig” (onze prêmios nacionais e internacionais); “A Babel da Luz” (curta-metragem vencedor do Festival de Brasília, 1992 e ganhador da “Margarida de Prata” – CNBB) e “O Auto-Retrato de Bakun”, prêmio “Glauber Rocha” da Jornada da Bahia, 1984, emocionado resgate crítico de dois gênios de província, a poeta Helena Kolody e o pintor Miguel Bakun.

Pelo descrito, um cinema absolutamente autoral e, também, solitário que, pela primeira vez, coloca com grandeza artístico-cultural o extremo-sul no mapa audiovisual brasileiro e internacional. Glauber Rocha, que admirava a obra de Back, especialmente, “A Guerra dos Pelados”, “Aleluia, Gretchen” e o projeto, então, embrionário, de filmar “República Guarani”, o chamava de “cacique do sul”. Justamente, porque a maioria dos seus filmes retrata poeticamente a realidade, inclusive, ambiental (em “Um Brasil Diferente?” (1978), “Sete Quedas” e “A Araucária: Memória da Extinção”, esses de 1980), e o imaginário da história, memória, cultura e arte do sul do país, a par do resgate de temáticas latino-americanas tão caras à alma telúrica brasileira.

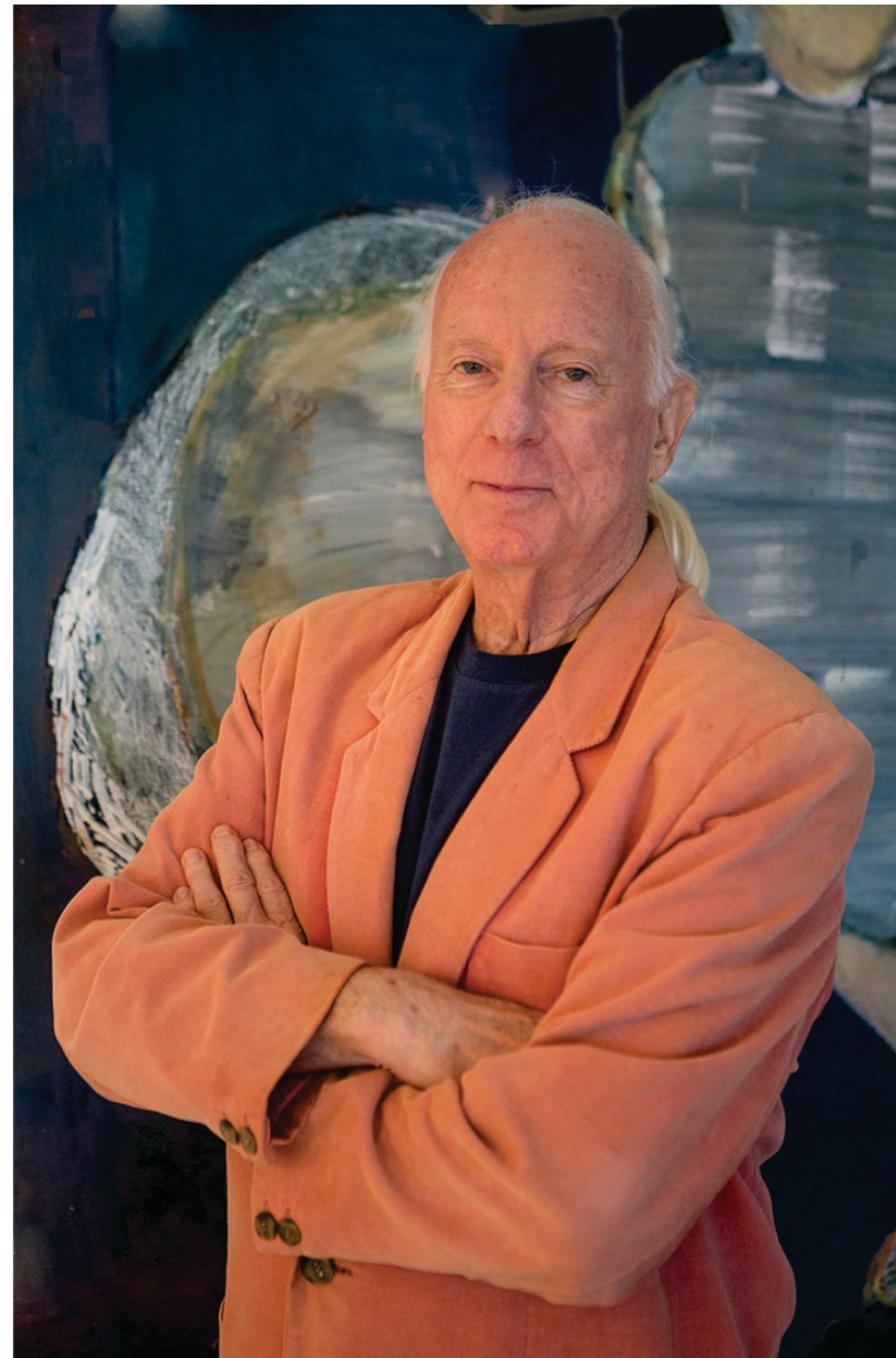


Foto: Frederico Mendes

# MOSTRA SYLVIO BACK 8.0 FILMES NOUTRA MARGEM



**Coordenação** Rosane Kaminski  
**Comissão Organizadora** Rosane Kaminski  
Universidade Federal do Paraná /  
Departamento de História. Pós-doutora  
em Meios e Processos Audiovisuais.  
Professora do Bacharelado em História,  
Memória e Imagem e do Programa de  
Pós-graduação em História.  
Solange Straube Stecz  
Universidade Estadual do Paraná /  
Campus de Curitiba II (Faculdade de  
Artes do Paraná). Doutora em Educação.  
Professora do Curso de Cinema e  
Audiovisual. Coordenadora do  
LabEducine - Laboratório de Cinema e  
Educação.  
Valéria Marques Teixeira  
Coordenadora da Cinemateca de  
Curitiba - Fundação Cultural de Curitiba

**Design** Julianna Largura  
**Foto da Capa** Guilherme Gonçalves  
**Produção Editorial** Assessoria de Comunicação –  
Unespar/Campus Curitiba II  
(Faculdade de Artes do Paraná)

Universidade Federal do Paraná. Sistemas de Bibliotecas.  
Biblioteca Central. Coordenação de Processos Técnicos.

M916 Mostra Sylvio Back 8.0: filmes noutra margem/[coordenação  
Rosane Kaminski]. – Curitiba: Ed. UFPR, 2017.  
[40] p.: il.; 21 cm. – (Série pesquisa, n. 334).

ISBN 978-85-8480-120-6

1. Cinema brasileiro. 2. Filme cinematográfico. 3. Cineastas-  
Brasil. 4. Back, Sylvio, 1937- . I. Kaminski, Rosane. II. Título. III. Série.

CDD: 791.430981  
CDU: 791.43

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

**Reitor** Ricardo Marcelo Fonseca  
**Vice-Reitora** Graciela Inês Bolzón de Muniz  
**Pró-Reitor de Extensão e Cultura** Leandro Franklin Gorsdorf  
**Diretora da Editora UFPR** Suzete de Paula Bornatto  
**Vice-Diretor da Editora UFPR** Rodrigo Tadeu Gonçalves  
**Conselho Editorial que  
Aprovou este Catálogo** Adriano Nervo Codato  
Allan Valenza da Silveira  
Alzir Felipe Buffara Antunes  
Claudio Jose Barros de Carvalho  
Diomar Augusto de Quadros  
Eleusis Ronconi de Nazareno  
Fabio Meurer  
Fabricio Schwanz da Silva  
Margarete Casagrande Lass Erbe  
Patricia Leen Kosako  
Sérgio Luiz Meister Berleze

**Coordenação Editorial** Rachel Cristina Pavim

**ISBN** 978-85-8480-121-3

**Ref.** 906

**Série** *Pesquisa*, n. 334

Direitos desta edição reservados à

**Editora UFPR**

Rua João Negrão, 280, 2º andar - Centro  
Tel.: (41) 3360-7489  
80010-200 - Curitiba - Paraná - Brasil  
www.editora.ufpr.br  
editora@ufpr.br

2017



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

